

O ESTANDARTE CHRISTÃO

ORGAM DA EGREJA PROTESTANTE EPISCOPAL NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Arvorar o estandarte aos povos — Isaías 62:10.

VOL. II.	ASSIGNATURA: POR ANNO\$3000	PORTO ALEGRE, SETEMBRO DE 1894	PUBLICAÇÃO: UMA VEZ NO FIM DE CADA MEZ	N. 9.
----------	--------------------------------------	--------------------------------	--	-------

Expediente

Toda a correspondência deve-se dirigir á caixa do correio n.º 5.
O escritório da redacção acha-se no edificio da Escola Americana n.º 387 Rua Voluntarios da Patria.

REDACTORES REVDOS. J. W. Morris
W. C. Brown
A. V. Cabral

N'esta redacção dão-se todas as informações sobre tratados, e publicações evangelicas. Todas as pessoas que desejarem tomar assignatura d'este jornal dar-se-hão ao encommodo de nos remetter seu endereço que serão immediatamente attendidas.

Os pagamentos poderão ser feitos pelo correio.

O Testemunho Christão.

Se com a tua bocca confessares o Senhor Jesus e em teu coração crêres que Deus o resuscitou dos mortos, serás salvo. Porque com o coração se crê para a justiça e com a bocca se faz confissão para a salvação.

S. Paulo aos Rom. cap. 10: 9.

Não obstante todos os perigos que por ventura acarrete uma publica profissão de fé, é esta, ainda hoje, como o foi nas eras passadas, uma cousa essencial á vida christã e á propagação do reino de Deus. Uma fé que se esconde e se recata, só pôde ter uma existência ephemera porque seu espirito é quasi sempre tímido ou egoista, porém quasi nunca christão. E no entanto ha muitas almas que reconhecem a verdade do Christianismo, mas não colhem para sua vida os fructos d'elle porque negando-se a confessar Christo publicamente não não prejudicarem seus negocios mundanos fahem os votos do baptismo e quebram o juramento de Jeacs soldados de Christo, visto que o Mestre disse: *Porém qualquer que me negar diante dos homens, eu o negarei também diante de meu Pai que está nos céus.*

E' muitas vezes o medo dos homens que impede a confissão franca de uma fé em Jesus Christo. O mesmo facto se deu quando o Divino Mestre veio a este mundo, conforme nos refere S. João em seu Evangelho cap. 12 v. 42. «Comtudo até muitos dos principes crêram n'Elle, mas não o confessavam por causa dos Phariseus, para não serem expulsos da synagoga». Mas ao Christão devem sempre estar presentes aquellas palavras do Filho do Homem: Qualquer que quizer vir após de mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz e siga-me. Porque qualquer que quizer salvar a sua vida perdê-la-ha, mas qualquer que perder a sua vida por amor de mim e do Evangelho, esse a salvará. Pois que aproveitaria ao homem se ganhasse todo o mundo e perdesse a sua alma? Porque qualquer que entre esta geração adultera e peccadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, o Filho do Homem também se envergonhará d'elle, quando vier na gloria do seu Pai, com os santos Anjos (Marcos 8, 34—38).

Mas para que estou eu a citar textos da Escripura? Os espiritos de hoje preferem aquellas palavras maciças da Biblia as citações arrogantes e quichotescas da demagogia materialista e positiva. E no entanto as palavras de Christo, reproduzidas por Matheus, Marcos, Lucas e João tem produzido no mundo maiores actos do altruismo, de abnegação e de coragem do que todos os aporismos de Aristoteles, Lucrecio, Voltaire, Diderot, Augusto Comte, Darwin e Luiz Büchner. Quando o Christianismo appareceu o materialismo já havia apparecido nos ensinios de lang Choo (300 A. C.) na China, de Charvãna na India, Demokrito na Grecia (500 A. C.), e o positivismo era ensinado em seus principios essenciaes por Protogoras e outros na Grecia mais de quatro centos annos antes da era Christã¹⁾.

E no entanto confronte-se a historia dos ensinios anti-Christãos com a historia da Christandade. Não obstante os erros de que é susceptivel o espirito humano o Christianismo exhibe no correr dos seculos uma multidão de confesores fieis que espantam pela firmeza de suas crenças e commovem pela abnegação de seus interesses mundanos. Desde o pinaculo do martyrio que foi o Calvario, até Uganda²⁾, Terra do Fogo³⁾, Dillon-bay⁴⁾, Archipelago Santa Cruz⁵⁾ e outros e muitissimos outros lugares, para a enumeração dos quaes não fallece o espaço, eis theatros dessa grande cadeia de martyrios e testemunhos que mesmo nos seculos escuros da idade media não se vê de todo interrompida. Aqui, vemos um personagem como S. Paulo abandonar os privilegios de que gozava na comunidade judaica para soffrir pelo Nome de Christo; além João Huss, Jeronymo de Praga, na Bohemia, Jeronymo Savonarola na Italia, Carlos de Seso, Julião Hernandez, Christovão Losada na Hespanha e essa cohorte immensa de confesores-martyres que a Igreja militante não recorda hoje nos seus calendarios na terra, mas que a triumphante applaudirá um dia no céo. O atheismo, porém, nada tem para collocar ao lado de tanta coragem e devotamento ás crenças.

Todavia os tempos se tem mudado sob muitos respeito para aquellos que querem dar um testemunho a Christo; se para bem, se para mal, não o sei dizer. E' verdade que, mesmo nas paizes civilisados, como o Brazil, ainda se apedreja os pregadores do Christo, ainda se tenta fazer saltar com o dynamite o templo protestante, ainda-se prohibe a pregação e se apupa e ameaça o prégador, mas tudo isto se faz illegalmente, passando por cima da Constituição Republicana (na monarchia já era permitido o livre culto, sem forma exterior de templo), longe das vistas de um publico sensato e instruido, e sem o contumelioso dos altos poderes governativos. As difficuldades são hoje quasi sempre de outro genero como vamos examinar.

O empregado, por exemplo, que quizer ser um christão fiel não tem hoje que temer que seus companheiros ou superiores o denunciem á Inquisição mas está arriscado a perder o emprego. Porque é preciso que se note que o ser um empregado esbanjador, dissoluto ou vicioso não é, na maioria dos casos, tão pessima recommendação, para muitos dos nossos homens, como o facto de professar um moço as doutrinas de nosso Senhor Jesus Christo, isto é, ser um crente evangelico. E' que o carancismo é maior e mais tremendo do que vulgarmente se pensa.

Um christão verdadeiro tem muitas vezes que arrostar com a opposição de sua familia e ahi então a sua vida transforma-se muitas vezes n'uma prova continua, porque a parentela, sabendo que o christão precisa soffrir humilde e resignado, accumula sobre este tudo o que um espirito grosseiro pode aconselhar. Torna-se ahi mais do que nunca necessario que ao christão estejam presentes as palavras do Divino Mestre: «Não julgueis que vim trazer paz á terra: não vim trazer-lhe paz, mas espada. Porque vim a separar o homem contra o seu pai, e a filha contra a sua mãe e a nora contra a sua sogra. E os inimigos do homem serão os seus proprios domesticos. O que ama o pai e a mãe mais do que a mim, não é digno de mim. E o que não toma a sua cruz e não me segue, não é digno de mim»⁶⁾. A zombaria dos amigos é um outro grande impecilio ao testemunho Christão. Quando um Christão verdadeiro recusa-se

a tomar parte nos jogos ou divertimentos illicitos ou que possam prejudicar a sua vida religiosa e o respeito que cada um deve a si proprio, então elle poderá contar como certo que terá a zombaria e o desprezo dos seus pseudo-amigos. Acrescem outros perigos a quem quer dar um testemunho christão nos lugares onde o Evangelho tem poucos adeptos. E' o caso que a divergencia com os irmãos na fé pôde condemnar um Christão a cruel ostracismo visto que não ha para protegelo a força administrativa dos grandes centros christãos, nem para acolhe-lo o foco amoroso de uma comunidade mais isempta das pequeninas intrigas e rasteiras invejas que sóem surgir nos meios acanhados.

Mas, apesar de tudo isto, e por maior peso que demos a estas circumstancias e difficuldades que acabo de pôr á luz para nossa precaução e oração, concluo, apesar de tudo isso, com as palavras que hei dito no principio: «Não obstante todos os perigos que porventura acarrete uma publica profissão de fé, é esta ainda hoje, como o foi nas eras passadas uma cousa essencial á vida christã e á propagação do reino de Deus. Cada vez que soffremos uma injuria pelo amor de Christo, cada vez que suportamos alguma offensa ou injustiça pelo amor de Christo, cada vez que nos opprime a calumnia por amor de Christo, sentimo-nos mais satisfeitos comnosco, sentimo-nos mais dignos dos vastos planos divinos.

Septembro de 94. A. V. Cabral.

O dever de dar

Ha muitos commungantes da Igreja que tem falta ainda de esclarecimento sobre o sagrado dever de contribuir para o trabalho do Senhor. Talvez seja devido ao facto de não se ter dirigido sua attenção para este assumpto, o qual liga-se tão intimamente á vida Christã e á nossa salvação eterna. Consideremos brevemente qual é nosso dever n'este respeito — sem duvida, vae nos causar surpresa ver quão clara e vivamente resalta o assumpto nas paginas do livro que é denominado «o labio de verdades».

Ao abrimos o sermão do monte esse discurso em que salientou o divino Mestre as verdades fundamentaes que servem como de constituição e estatutos á sua Igreja — vemos que o Salvador liga a mesma importancia ao dever de contribuir ao evangelho como á oração. No capitulo sexto do evangelho segundo São Matheus, trata nosso Senhor Jesus Christo em seu conselho de assumptos fundamentaes. Ensinava aos discipulos como devem dar esmolas primeiro e depois como devem orar. Na sua divina sabedoria, inculca estes dois deveres com a mesma emphase — um dever é tão imperativo como o outro. O Salvador principia seu ensino com o mesmo exordio: «Quando pois dás esmolas» v. 2. «Quando oraes» v. 5. A explicação d'este facto tem raiz n'um costume nacional judaico — cada leitor da Biblia sabe que os adeptos da lei de Moyses costumavam dar a decima parte de sua renda annual para a causa da religião. Não veio Jesus Christo para destruir a lei antes para restabelece-la e por seus proprios preceitos justificá-la. Não condemnou costume algum legitimo e que tivesse a razão por base. Por outro lado, applaudiu o Salvador este costume de dar esmolas, e presuppõdo que os seus discipulos jamais negligenciariam a contribuição para o sustento da igreja, procedeu a instruil-os a respeito dos motivos internos e do modo externo de adiantar a causa da verdade. «Quando, pois, dás a esmola, não faças tocar a trombeta diante de ti, como praticam os hypocritas nas synagogas e nas ruas para serem honrados dos homens» (S. Math., cap. 6, ver. 2). Que querem dizer estas palavras solemnes senão a seguinte paraphrase: «No desenrolar do futuro, tereis, meus prezados dis-

cipulos, oportunidades abundantes de sustentar o progresso do meu reino por meio de contribuir com vossos bens mundanos. Não deixeis de concorrer com vosso obulo, nas cuidades em não fazer collectas ao som da trombeta, como os hypocritas nas synagogas e nas ruas com bandeiras e foguetes. Antes seja vosso alvo acrysolado engrandecer a causa de Deus e não ganhar os applausos dos homens». E' evidente, pois, que o Author de nossa salvação authoriza e exige que o Christão contribua ao trabalho evangelico.

Qual era o costume apostolico? No dia de Penticostes e depois, influa o Espirito Santo aos recém-convertidos fazerem collectas. Desenvolviam-se estas com mais esplendidos resultados do que em qualquer outra epocha do Christianismo. Logo tinham os Apostolos de ordenar o officio dos diaconos para não occuparem-se a si mesmos com as mesas da renda ecclesiastica. A feição proeminente da igreja primitiva foi o zelo e generosidade que patentearam os membros nas suas offertas.

S. Paulo também aconselhou todas as congregações que estabeleceu na Asia e Europa (muito mais pobres do que as congregações evangelicas do Brazil) que não deixassem de adiantar o progresso do evangelho pelas collectas entre os fieis. Em quasi todas as suas epistolas acham-se exhortações para este fim. No capitulo 16º da primeira epistola aos Corinthios escreve o Apostolo aos Gentios: «Quanto porém ás collectas que se fazem a beneficio dos Santos, fazei tambem vós o mesmo que eu ordenei ás Igrejas da Galicia. Ao primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte alguma somma, dando assim o que bem lhe parecer». Igualmente, exhortou o Apostolo que os membros da igreja em Roma fizessem a mesma cousa, a saber, concorressem com seus donativos. «Na oração perseverantes soccorrei as necessidades dos santos» (aos Romanos 12º, 12, 13) i. é, as necessidades d'aquelles com mungantes que soffriam faltas. Aqui liga S. Paulo juntos estes dois deveres, a oração e o dar, que juntou Christo no sermão do monte.

Em vista dos ensinios do Salvador, do costume primitivo, das inspiradas exhortações de S. Paulo, quem é capaz de negar o dever sagradissimo de sustentar com nossas contribuições a proclamação do evangelho? Mas algum pobre dirá: posso orar, cantar louvores perante Deus, adoral-o em espirito e em verdade (S. João 4º, 23), em quanto me acho inhabilitado para contribuir por falta de dinheiro. E' verdade, mas não se esqueça tal pessoa da mulher empobrecida que fez uma offerta de dois ceitis em Jersusalem e louvou Jesus Christo ao acto n'um encomio que não merece o millionario. Não é a *quantia* de nossas contribuições que agrada a Deus, antes o espirito de humildade e gratidão que nos constringe dar ao Senhor uma parte de nossos bens quer sejam poucos ou muitos. O romanista está ensinado a dar para comprar a salvação: nós os filhos da liberdade, que temos o espirito de adopção em nossos corações, somos instruidos a dar para o bom estado da casa de nosso Pai, para honrar seu santissimo nome por nossos dons, nosso motivo sendo um desejo de estender seu reino entre homens, bem sabendo que Jesus Christo e Elle só comprou a nossa salvação. Não podemos acrescentar nada áquella obra meritoria; mas é nosso privilegio patentear por nossas offertas nossa obrigação ao Salvador, nossa apreciação d'Elle nos ter redimido, nossa gratidão a Deus Pai pelo dom do seu preciosissimo Filho.

O reverendissimo bispo da Virginia, um anção pleno de annos, experiencia e sabedoria costumava dizer que o evangelho, que não inculca o dever de fazer collectas, é um evangelho mutilado, fraco e incompleto que afinal perecerá infallivelmente da face da terra por não ter a robustez e poder espiritual que nasce do sacrificio,

²⁾ Onde foi martyr o bispo Hannington em 1885.

³⁾ Onde pereceram Allen Gardiner e seus companheiros em 1851.

⁴⁾ Onde foram devorados Williams e Harris em 1848.

⁵⁾ Onde soffreu o martyrio João Coleridge Paterson, bispo das ilhas Melanésias.

⁶⁾ Matheus, cap. 11, vers. 11—12.

¹⁾ Robert Flint, A. T. Theories. Pg. 177.

Inculquemos este dever mais zelosamente do que no passado, lembrando-nos de que a condição de muitos de nosso século e de milhares dos vindouros depende sobre nossa fidelidade em adiantar a igreja militante por nossas contribuições. Um texto do grande Legislador serviu durante séculos como uma regra das igrejas judaica e cristã: «Não appareceres diante do Senhor com mãos vazias: cada um offerecerá á proporção do que tiver, segundo a benção que o Senhor, seu Deus, lhe tiver dados» (Deuteronomio XVI, 17).

A grande causa

Examinai porém tudo — abraçai o que é bom. I. Thess. 5:21.

O Brasil, essa grande nação situada no continente sul-americano, parece encaminhar-se a largos passos pela senda do progresso, e um movimento civilizador opera-se na patria brasileira. Tudo prospera; tudo attinge ao mais elevado grão de adiantamento. Só uma cousa parece não ter momento. Só uma cousa parece não ser bem recebida a atenção dos meus compatriotas; parece fazer n'um profundo esquecimento. Quero referir-me ao progresso da santa causa de Christo. O povo brasileiro acha-se neste ponto n'um completo estado lethargico.

Eis porém que surgiram, qual raio de benéfica luz, os arautos do Evangelho, empregando todos os esforços para fazê-lo despertar d'aquelle estado anti-salutar.

Desperta! abri vossos olhos, e vede quão santa, quão pura, e quão recta é a causa do Redemptor.

«Examinai porém tudo — abraçai o que é bom».

Palavras sublimes do Apostolo S. Paulo em sua primeira epistola aos Thessalonicenses. Se examinarmos attentamente a causa Christã, não podemos deixar de abraçá-la. Ella impõe-se, não só pela sublimidade e rectidão de seus principios, como pela moral incomparavel que ella encerra.

Qual é o dever que se impõe a todo o bom patriota? Pelejar em prol da sua patria. Pois bem, nós que somos Christãos, soldados de Christo, devemos tornar-nos defensores acerrimos de sua grande causa e pelejarmos por ella com todo o ardor.

A nossa fé não deve arrefecer quando encontrarmos obstáculos a vencer ou fadigas a suportar. Pelo contrario, ella deve robustecer tanto mais, quantos forem as privações que soffreremos por amor a Christo, lembrando-nos que elle soffreu em nosso lugar derramando o seu precioso sangue na cruenta cruz do Calvário.

Unamo-nos concidadãos! empreguemos todos os nossos esforços e toda a nossa dedicação para o progresso da santa causa de Christo, lembrando-nos que só o triumpho d'essa — grande causa — pôde trazer ao nosso querido torrão natal, um periodo de perenne felicidade e uma paz que nunca terá fim.

Frederico G. Schmidt.

Rio Grande, 1894.

A Evidencia Moral do Cristianismo

ou

O Ensino Moral de Jesus Christo

(Continuação do no. 7.)

1. Em vigor e alvo.

A primeira cousa que a todo o leitor deve fortemente apprehender é o intenso vigor e realidade dos ensinos Christãos. A gente sente-se em contacto com uma classe de mestres, cujo fim não é enunciar uma serie de regras para a vida, porem conduzir os homens á sujeição da lei moral. Em patente contraste com isto acha-se o ensino dos antigos moralistas. O alvo d'estes ultimos foi essencialmente intellectual, como, por exemplo, investigar os principios sobre que repousa o dever moral, e sobre elles edificar um corpo de preceitos para guia da vida. O ensino d'elles era consequentemente frio, e necessariamente estéril em seus resultados. Instinctivamente sentimos ao ler um trabalho de algum moralista antigo, após um estudo do Novo Testamento, que havemos passado de uma região onde ha vida, calor, vehemencia, a uma outra região do pensamento cujo característico não é o vigor moral, porem a especulação.

2. O completo alcance da lei de dever christão.

Esta lei é baseada nos tres grandes principios seguintes:

(1) O dever de homem para com homem, fundado e originado na relação em que o homem está para com Deus.

(2) O dever de homem para com homem, medido pelo respeito que cada homem sente por si mesmo.

(3) O dever de homem para com homem, medido e sancionado pelas obrigações em que o homem se acha para com Jesus Christo.

Os dois primeiros d'estes estão enunciação na passagem que encina este capitulo. O terceiro é o novo mandamento: «Um novo mandamento vos dou, que vós ameis um ao outro, como eu vos amei, para que vós também vos ameis uns aos outros.» Se é sustentado que um preceito semelhante á ordem, «Amarás ao teu proximo como a ti mesmo», pôde em outra parte ser encontrado, é contudo isso fora de duvida que a idea de basear o dever de homem para com homem sobre a relação d'este para com Deus e a sustentação d'essa idea, tudo isso feito como se acha em o Novo Testamento, como o grande principio inspirador da obediência á lei moral, já-mais occorreu com algum dos antigos philosophos ou moralistas. Porem com respeito ao novo mandamento, todos os philosophos e moralistas do passado desprezariam a idea de medir e sancionar o dever de um homem para com outro no amor que elles tem mostrados pelos outros. Nestes dous pontos o Christianismo é unico.

O que, portanto, se acha comprehendido debaixo d'estes tres principios?

Estes principios enunciam uma lei de dever, co-extensiva com a familia humana, que envolve o grande principio da irmandade do genero humano, fundada na Paternidade de Deus e no amor de Christo. Os antigos moralistas, ao contrario, nunca chegaram á concepção do dever como devido ao homem como homem; restringiram-no porem dentro dos apertados limites de nacionalidade, raça e condição social; e consequentemente vieram a considerar como párias a grande maioria do genero humano que se achava fora do recinto da obrigação. Verdade é que na mais recente philosophia stoica, subseqüente ao tempo de Jesus Christo, achase alguma pallida concepção da irmandade universal do genero humano; porem essa não tem uma base substancial sobre a qual descanse, pois que seu principio — aliecerse era o pantheismo; e essa concepção nunca impelliu nenhum dos discipulos do stoicismo a devotar uma vida inteira ás abnegações de quem tudo deixa para ir praticar o bem. Resumindo, os antigos philosophos e moralistas divorciaram a moralidade da religião, como tem sido feito por algumas escolas do pensamento moderno; e portanto despiram os preceitos de todo o poder moral e espirital. Jesus Christo, ao contrario, uniu os dous, e assim fazendo fortaleceu o principio moral como a sancção que a religião pôde dar.

(Continúa.)

O Credo

CAPITULO VII.

O Sexto Artigo.

Subiu ao Céu, e está sentado á mão direita de Deus, Pai Todo Poderoso.

1. Os Quarenta Dias. O Salvador ficou na terra quarenta dias (Actos 1:3), depois da Sua gloriosa Resurreição. Durante este tempo convenceu aos Seus Apostolos quanto á Sua morte e ás prophcias que a predisseram, e os instruiu nas cousas pertencentes ao Seu reino (Actos 1:3), e lhes deu Sua ultima commissão, dizendo: «Ide, ensinae todas as gentes, baptizando-as em Nome do Pai, e do Filho, e do Espirito Santo» (S. Matt. 28:19).

2. O Caminho para o Monte das Oliveiras. Afinal terminou este periodo solemne. Avisados, talvez, pelo proprio Salvador, ou atraídos pela proxima celebração da festa de Pentecoste, os Apostolos partiram da Galilea e voltaram para Jerusalem. Mais uma vez viram lá o Senhor resurgido, e receberam seu mandamento de que ficassem em Jerusalem, até que fossem baptizados com o Espirito Santo, e do alto revestidos de potencia (Actos 1:5; S. Luc. 24:49). Elle mandou-os que o acompanhasssem pelo caminho para Bethania e o monte das Oliveiras (S. Luc. 24:50; Act. 1:12). Convencidos de que alguma cousa myste-

riosa estava para dar-se, e pensando que pretendem começar o Seu reino, de ha muito, esperados, principiaram a perguntar: «Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino á Israel?» (Actos 1:6). Porém fel-os calar. Não lhes pertenceu «saber os tempos ou as sazões que o Pai tinha posto em seu proprio poder»; mas foi seu dever e privilegio «ser testemunhas ao Senhor em Jerusalem, como em toda a Judea e Samaria, e até os confins da terra» (Act. 1:6-8).

3. Subiu ao Céu. Assim conversando os Apostolos seguiram a Jesus até os limites do districto da Bethania, até o monte das Oliveiras. Lá receberam Sua ultima solemne e permanente benção, e aconteceu que, abençoando-os elle, deu-se uma nuvem maravilhosa (S. Luc. 24:50, 51). Pelo poder de Sua divindade «apartou-se d'elles, e vendo-o elles, foi elevado ás alturas, e uma nuvem o tirou de seus olhos.» (S. Luc. 24:51; Actos 1:9). «E estando elles com os olhos fixos no céu, enquanto elle ia subindo, eis-que junto d'elles se puzeram dois varões vestidos de branco, os quaes disseram: Varões Galileos, que estaes olhando para o céu? Esse Jesus, que d'entre vós foi recebido acima no céu, ha de vir assim, como para o céu o vistes ir?» (Actos 1:10, 11).

4. A differença entre a Resurreição e a Ascensão é digna de notar-se. Justamente quando o Senhor resurgiu, ninguém, como pareceu quando resurgiu, ninguém sabe, porque ninguém o viu. Porém quando subiu ao céu, quando foi de summa importância que os homens ficassem convencidos de que realmente tinha voltado para a mesma bendita mansão, onde estava com o Pai, «antes que o mundo existisse» (S. João 17:5), então, na presença de muitos testemunhos, apartou-se dos Seus Apostolos, e isto não de repente e imperceptivelmente, como Henoch que «não estava mais, porquanto Deus para si o tomou» (Gen. 5:24), nem «em um carro de fogo, como no caso de Elias, mas gradual e silenciosamente, sem pompa nem ostentação, como se fosse a terminação natural de Sua vida divina sobre a terra.

5. Está sentado á mão direita de Deus. Assim conforme a prophcia de David o Santo «subiu ao alto, levou captivo o captivo, e recebeu dons para os homens» (Ps. 68:18; Efes. 4:8). Elle entrou na sua gloria, levando consigo a humanidade redimida acima de todos os céos, para a presença de Deus, para aquelle lugar de todos os logares no universo em situação o mais eminente, em qualidade o mais santo, em dignidade o mais excellente, em gloria o mais illustre, mesmo para o mais intimo santuario do templo de Deus. O Credo afirma que está sentado á mão direita de Deus Pai Todo Poderoso. Agora Deus é espirito (S. João 4:24), e não tem mãos como um homem. Por consequente temos de entender por esta sessão á mão direita de Deus, que no céu nosso Senhor occupa o lugar da maior honra, da mais alta majestade, e da mais perfeita felicidade, e que Deus lhe tem dado toda a preeminencia em dignidade, poder e felicidade.

6. Como nosso Sacerdote. Porém não devemos pensar na sessão de nosso Senhor, como se estivesse em estado da inactividade. Nos mais altos céos exercita as duplas funções, typificadas por Melchisedec, de Sacerdote e de Rei (Heb. 3:1; 7:21). Como o sacerdote judaico entrou uma só vez todos os annos no santuario, com o sangue de diferentes victimas, o qual espargiu perante o propiciatorio (Levit. 16:15), mesmo assim nosso Summo Sacerdote Christo já entrou no verdadeiro santuario por seu proprio sangue (Heb. 9:12), e pleiteia face a face com Deus os meritos do Seu sacrificio (Rom. 8:34). Porque n'aquelle mundo glorioso, ainda retem uma perfeita apreciação das nossas enfermidades, e do mysterio dos padecimentos humanos, que aprendeu quando estava no mundo, e do Seu perfeito amor, conhecimento, e sympathia Elle, como nosso Advogado, intercede por nós, e pelas suas intercessões as nossas orações sobem e são acceptas ao Throno da Graça (Heb. 4:14; 7:25; I João 2:1, 2; Apoc. 8:3, 4).

7. Como nosso Rei. E não somente como nosso Summo Sacerdote (Heb. 4:14), mas também como o Rei dos reis e o Senhor dos senhores está sentado á mão direita de Deus (Heb. 1:8, 9). Lá com infinito poder, sabedoria e providencia está dirigindo os destinos do Universo, e espe-

cialmente da familia humana que redimiu. Elle está conduzindo todas as cousas para o seu fim destinado, empregando a agencia do céu e da terra para o governo e defeza do seu povo.» Porém agora ainda não vimos que todas as cousas lhe estejam sujeitas (Heb. 2:8), mas como tem poder, assim sujeitará a si todas as cousas (Phil. 3:21), e o ultimo inimigo, morte, será aniquilado (I Cor. 15:26), e a Victoria, para a qual espera toda a criação, será completamente e para sempre alcançada.

(Continúa.)

Uma Razão porque devemos pensar antes de fallar.

A palavra fallada é de todas as cousas no mundo, omitindo a palavra escrita, a que tem mais vida. Uma vez fallada não se pode revocal-a. Se fosse uma palavra inconsiderada, ou mentirosa, ou de ira, malicia ou profandidade, já foi-se como uma setta do arco na sua missão de mal, e o diabo mesmo concorre em acelerar a fuga. Pausemos antes de fallar, para que nossas palavras sejam boas e sympathicas para com todos.

A seguinte historia é contada por um trabalhador entre os Indios da America do Norte:

Não ha muito tempo uma sociedade missionaria no estado de Pennsylvania estava enchendo uma caixa para mandar aos professores e alumnos de uma escola India. Uma velha senhora trouxe um traveseiro estofado com pennas, dizendo que não tinha outra cousa para dar, mas esperava que um missionario ou enfermo o achasse util. O Secretario o poz no fundo da caixa, e mandou com elle um bilhete explicando o desejo da dona, e acrescentando que «foi carregado com orações.» Antes que chegasse a caixa ao seu destino, a escola foi destruida por um incendio e os missionarios e os seus beneficiados ficaram em falta de todas as cousas. A caixa suppriu muitas das suas necessidades, e quando todo o seu conteúdo fora distribuido e só restava o traveseiro, uma das professoras levou este a um indiozinho que estava de cama com febre. Ella tirou o traveseiro duro que já tinha, e poz no seu lugar o outro, e fogo o pobresinho sentiu a differença e deixou de mover inquietamente sua cabeça. Ella disse-lhe que uma amiga bondosa lhe mandara o traveseiro, porque amava a Jesus e a todos os amigos d'elle. Elle perguntou, «E' o mesmo Jesus de quem a senhora me fallou?» «Sim.» respondeu a professora, «é o unico Jesus, o mesmo Jesus.» O menino nada mais disse, mas depois de ficar são elle com outros confessaram publicamente a sua fé em Jesus, e é muito provavel que aquelle mensageiro de conforto, «carregado com orações» em que a cabeça do enfermo achou descanso, fôsse para elle uma das melhores provas do amor de Jesus.

Analyse da Epistola

de S. Paulo aos Galatas.

I. Pesscal.

1. Saudação e ascripção de louvor, de tal maneira enunciadadas que o assumpto principal da epistola é introduzido (1:1-5). 2. O Apostolo reprova aos Galatas pela apostasia, denuncia os falsos pregadores, e declara a eterna verdade do Evangelho que annunciam. (1:6-10).

3. Este Evangelho veio directamente de Deus.

(a) Elle o recebeu pela revelação especial (1:11-12).

(b) Sua educação não o conduziu para elle, porque foi instruido em principios directamente oppostos á liberdade do Evangelho (1:13, 14).

(c) Nem apprendeu o dos apostolos da circuncisão, porque não encontrou com elles por algum tempo depois da sua conversão (1:15-17).

(d) E quando afinal visitou Jerusalem, sua communicação com elles não foi intima nem prolongada, e regressou sem ser conhecido mesmo de vista pela maior parte dos crentes (1:18-24).

(e) Visitou Jerusalem, é verdade, outra vez, depois de alguns annos, porém manteve cuidadosamente sua independencia.

Comunicou com os Apóstolos em termos de igualdade. Nada lhes devia (2: 1-10).
(f) E mais em Antiochia resistiu a Pedro por causa de sua inconsistência. Cederam os ritualistas Pedro estava substituindo a lei em lugar de graça, assim negando os princípios fundamentais do Evangelho (2: 11-21).

II. Doutrinal.

1. Os Galatas estão tornando-se insensíveis; querendo substituir a carne pelo Espírito, as obras da lei pela obediência da fé, esquecendo-se do passado e violando a ordem do progresso (3: 1-5).

2. Abraão foi justificado pela fé, e assim deve ser com os verdadeiros filhos de Abraão (3: 6-9).

3. A lei, pelo contrario, longe de nos justificar, condemnou-nos, e desta condenação Christo nos livrou (3: 10-14).

(4) Assim cumpriu-se a promessa dada a Abraão, a qual, sendo antes da lei, não podia ser abolida por ella (3: 15-18).

(5) Logo para que é a Lei? (3: 19).

(a) Foi uma disposição inferior, ordenada como testemunho contra o peccado, um signal d'um estado da escravidão, não contraria ao Evangelho, mas preparando o caminho para elle (3: 19-23).

(b) E assim pela lei somos instruídos para a liberdade do Evangelho (3: 24-39).

(c) Debaixo da lei estavam debaixo dos tutores, mas agora somos senhores de nós mesmos (4: 1-7).

(d) Porém os Galatas estão determinados a voltar a este estado de tutela (4: 8-11).

Aqui o argumento é deixado por um momento, enquanto o Apóstolo reverte ás suas relações pessoais com os convertidos, e reprova a conduta dos falsos pregadores (4: 12-20).

(e) A lei dá testemunho contra si mesma.

A relação dos dois concertos da lei é da graça, com o triumpho d'esta, são tipificados pela historia de Agar e Sara. O filho da escrava não pode herdar com o filho da livre (4: 21-31). «Somos filhos da livre». Esta palavra «livre» liga a parte doutrinal com as exhortações.

III. Exhortações.

1. Estae firmes na liberdade, que os falsos pregadores estão pondo em perigo (5: 1-12).

2. Não useis da liberdade para dar ocasião á carne. O amor é o cumprimento da lei. Andae em Espírito, e o Espírito vos salvará da concupiscência, como também vos salva do ritualismo, sendo ambos carnes. Vosso caminho é claro. As obras do Espírito distinguem-se facilmente das obras da carne. (5: 13-26).

3. Acrescentarei dois mandamentos:

(a) Mostrae longanimidade e sympathia fraternal (6: 1-5).

(b) Communicae generosamente (6: 6-10). Conclusão escripta pelo Apóstolo mesmo (6: 11).

4. Tende cuidado dos que seguem a lei dos Judeus porque não são sinceros. Eu vos annuncio os verdadeiros princípios do Evangelho. Paz seja a quantos andarem conforme esta regra (6: 12-16).

5. Que ninguém despreze minha autoridade, porque trago no corpo as marcas do meu mestre (6: 17).

(6) Saudação em Christo (6: 18).

Lightfoot.

Oração a Meio-dia

em favor das Missões

O Concilio Missionario da Igreja Protestante Episcopal, reunida em Chicago, em o mez de Outubro de 1893, logo depois da grande exposição, interrompeu suas sessões todos os dias a meio-dia, para ter um pouco de tempo em oração.

O Concilio adoptou a seguinte resolução: «Resolvido: Que durante a sessão d'esta Concilio Missionario, haja uma pausa nas discussões e negocios de cada dia a meio-dia e breves orações sejam offerecidas pela vinda do Reino de Christo em todo o mundo; e que este costume de oração a meio-dia pelas Missões seja recomendado a todos os membros da igreja, tanto no campo domestico como no estrangeiro».

O primeiro assumpto para considerar foi «Oração e Missões», na discussão do qual todos foram exhortados a fazer universal este costume de orar pelas Missões na hora de meio-dia.

Um dos escriptores apontados tinha a seguinte passagem em sua leittera:

«Ha uma hora, ou ao menos um mo-

mento durante o dia que offerece uma especial oportunidade para a oração. Meio-dia é reconhecido em todo o mundo. O sol está justamente acima. Todos os relógios ajuntam suas mãos, e estendem-se para os céos. Aquelle momento reconhecido por todos os homens, ha, por costume universal, uma pausa nas occupações humanas. Uma vasta proporção dos homens cessa temporariamente seus serviços. As creanças sahem das aulas. Nas fabricas, nas fazendas, nos collegios e nos escriptórios, ha um período de descanso. Por um momento, ha o mais completo livramento de cuidado ou preocupação da parte de milhares do que em outro qualquer tempo, menos a hora de dormir. No meio do dia o rio dos cuidados está dividido. A manhã todo occupada é um muro n'um lado e a tarde, um muro no outro; porém o meio dia dá passagem á alma por meio das aguas, se tiver vontade, para a terra da promessa».

O costume de ter orações ao meio dia, tem sido praticado nas salas de nossa Sociedade missionaria em Nova York, por mais que um quarto de seculo. O serviço que actualmente se realiza cada dia a este tempo na casa das Missões, está apreciado pelos representativos de varias agencias missionarias e caritativas. E para desejar que os amigos de todas estas sociedades e agencias por todo o mundo, consagrassem a solemne hora de meio-dia em orar pela vinda do Reino de Christo.

A meio-dia o Salvador do mundo estava pendurado na Cruz, levantado alli para atrahir todos os homens a Si.

A meio-dia, Elle chamou São Paulo para ser Apóstolo aos Gentios.

A meio-dia, São Pedro estando em oração no alto da casa, recebeu a tripla visão da colheita dos Gentios.

Algumas Orações proprias para Meio-dia.

I. A Oração Dominical.

II. «E eu quanto fôr levantado da terra, todas as cousas atrahirei a Mim mesmo».

Bemdito Salvador, que n'esta hora estivesse pendurado na cruz, extendidos teus ternos braços; concede que toda a humanidade olhe para Ti e seja salva; por tuas misericordias e merecimentos que vives e reinas com o Pai e o Espírito Santo, sempre um só Deus, por seculos sem fim. Amen.

III. «Ao meio-dia vi, ó rei, no caminho uma luz do ceu, que excedia o resplendor do Sol».

Omnipotente Salvador, que ao meio-dia chamaste teu servo São Paulo para ser um Apóstolo aos Gentios; illumina, Te pedimos, o mundo, com o resplendor da tua gloria, para que todas as nações venham a adorar-Te, que és com o Pai e com o Espírito Santo um só Deus, por seculos sem fim. Amen.

IV. «Subiu Pedro ao alto da casa a fazer oração perto da hora de sexta».

Pae das Misericordias, que revelaste ao Teu Apóstolo São Pedro, na tripla visão, Tua illimitada compaixão; perdão, Te supplicamos, nossa falta de fé, e de tal maneira alarga nossas sympathias e accende nosso zelo, que fervorosamente desejemos a salvação de todos os homens, e com maior diligencia trabalhemos pela extensão do teu Reino: por amor d'Aquelle que entregou-se a si mesmo pela vida do mundo, Teu Filho nosso Salvador Jesus Christo. Amen.

Casa das Missões da Igreja Nova-York, Festa do Espírito Santo, 1894. (Traduzido do folheto, mandado por Rev. Dr. W. S. Langford, Sec. Geral).

O escriptorio do «Estandarte Christão» foi visitado em Agosto por quatro novos jornaes evangelicos.

As Boas Novas, publicado por Rev. Salomão Ginsberg na cidade de Campos, estado do Rio, é jornal da igreja baptista. Gostamos de ver por este collega as evidencias de que o evangelho, apesar de muita opposição, goza a sympathia e apoio da sociedade Camponeza.

La Buena Lid, é publicação de nossa igreja em Mexico. Apesar de ser em espanhol, podiamos comprehender a maior parte. Alegria-nos a ver este jornal de nossa igreja, e esperamos que Deus con-

tinhe a abençoar o esperançoso trabalho n'aquella republica.

La Luz é do Madrid, Espanha—organ da Igreja Reformada d'aquelle paiz. O evangelho encontra grandes difficuldades n'aquella terra. Os crentes não tem liberdade dos cultos, e estão sempre ameaçados pela população fanatica e ignorante. Ha de levar muitos annos antes de ser vencido o espirito do jesuitismo e a influencia da inquisição. La Luz, e outros campeões do Evangelho na Espanha merecem a sympathia e as orações de todos os crentes.

A Lingua.

Conta-se uma historia de Esopo, o fabulista, que n'uma occasião seu mestre mandou-o ao mercado para comprar alimento para os hospedes, e ordenou-lhe que preparasse as melhores iguarias que pudessem encontrar. Esopo obedeceu, e quando foram tiradas as tampas, não havia nada nos pratos senão linguas. O mestre iron-se e perguntou a razão, ao que replicou Esopo, «que não ha nada no mundo melhor do que uma lingua». «Então», disse o mestre, «em um outra occasião prepara as peiores». Algum tempo depois uma segunda festa devia ser arranjada, e de novo esta ultima ordem foi dada a Esopo. Os hospedes chegaram; o mestre, com pezar seu, achou que cada prato estava cheio de linguas. Furioso chamou por seu servo, e perguntou a razão.

Disse Esopo: «Queríeis as cousas peiores no mundo, e assim tenho vos dado linguas». Mas disse o mestre, «disseste ha pouco tempo que ellas eram as melhores no mundo». «E assim são, as melhores ou as peiores, conforme as usardes».

Isto é justamente o que diz S. Thiago. A lingua é uma benção ou uma maldição, conforme a tempera pela qual fôr inspirada.

Agora quero fallar de tres generos de linguas.

A lingua irada.

As vezes sois provocado pelo descuido ou descortezia de outras pessoas a dizer cousas irreflectidas, pelas quaes ficas triste e envergonhado. Este é um habito muito perigoso, e se não podeses dominal-o ao principio de vida, causará infinitas perturbações a vós mesmo e tristeza aos vossos amigos. Ha uma historia interessante contada a respeito do rei Thiago I. Quando era muito moço, tinha o costume extraordinario de andar a cavallo, sempre com a bocca aberta. Aconteceu que passando por um caminho cheio de barro, o barro saltou na sua bocca. Elle voltou-se para seu aio e perguntou: «Que preciso eu fazer? o barro está respingando na minha bocca».

O aio respondeu respeitosaemente: «Digne-se sua Magestade fechar a sua bocca».

Este é bom aviso não somente para impedir que cousas immundas entrem na bocca, mas tambem para prohibir que as ruins e corruptas saiam d'ella.

A lingua palradora

Talvez esta seja mais perigosa do que a outra. Estou convencido que muitas vezes faz mais damno. Uma palavra irreflectida se pode ás vezes desculpar; uma lingua palradora — nunca.

Uma mãe disse para sua filha que tomasse um jornal, o rasgasse em pedaços pequenos e os atirasse á rua. A filha considerou que este era um castigo leve e obedeceu. Porém a mãe disse: «Isto não é tudo; vae agora e ajunta todos os pedaços e tral-os para mim». Oh! disse a filha, isto é impossivel; o vento os tem levado para longe». Respondeu a mãe: «Isto é justamente como as tuas palavras, quando dizes cousas que são somente em parte verdadeiras, porém totalmente grosseiras; espalhas as palavras injustas por todos os lados, mas não tens poder de revocal-as».

A lingua de que quero fallar em seguida é

A lingua maliciosa.

Esta é a lingua que falla mal pretendendo fazer damno. Este é um dos maiores vícios que um rapaz ou uma rapariga pode adquirir. E' contra isto que o nono mandamento é especialmente dirigido. Não darás falso testemunho contra o teu proximo. Muitas casas tem-se tornado miseraveis, e muitas vidas estragado pela lingua maliciosa.

E' dito que o grande incendio em Londres, que destruiu a meia parte da cidade, e fez com que milhares ficassem sem abrigo, principiou n'uma padaria. Uma pequena foice sahia da fôrnalha, accendeu um fogo, e afinal quasi destruiu a cidade. S. Thiago diz que a lingua é um grande fogo, e muitos incendios tem sido principiaados pela lingua que falla cousas injustas de outrem. Em conclusão desejo dar-vos dois pequenos avisos, que podeses facilmente guardar na memoria. Primeiramente, nunca falleis de outros se não tendes alguma cousa agradável de dizer; e em segundo lugar, nunca fiquis silencioso a respeito de outros, quando, fallando, podeses fazer-lhes algum bem.

Que vos parece a vós do Christo?

Phariseus! que queixa tendes vós contra Jesus? Elle come com os publicanos e peccadores». (Math. 9: 11).

E' isto tudo?

«Sim».

E tu, Caiaphas, que dizes d'Elle?

«Elle é reu: é blasphemador, porque disse: Vereis d'aqui a pouco ao Filho do homem assentado á direita do poder de Deus, e vir sobre as nuvens do céu.» (S. Math. 26: 65).

Pilatos, que opinião tens?

«Não achei n'este Homem culpa alguma» (S. Lucas 23: 14). «E tu, Judas, que vendeste teu Mestre por prata; tens uma accusação terrivel contra Elle?»

«Pequei entregando o sangue innocente».

(S. Math. 27: 4).

E vós, centurião e soldados, que o conduzistes á cruz, que dizeis contra Elle?

«Na verdade, este homem era Filho de Deus».

(S. Math. 27: 54).

E vós, demonios, que tendes a dizer?

«Elle é o Filho de Deus».

(S. Math. 8: 29).

João Baptista, que pensas de Christo?

«Eis, o Cordeiro de Deus».

(S. João 1: 36).

E tu, João, bem amado discipulo?

«A estrella resplandecente, e da manhã».

(Apoc. 22: 16).

Que dizes, Pedro, do teu Mestre?

«Tu és o Christo, Filho de Deus vivo».

(S. Math. 16: 16).

E tu, Thomé?

«Meu Senhor e meu Deus».

(S. João 20: 28).

Paulo, tu foste perseguidor d'Elle, que testemunho dás?

«Tudo tenho por perda, pelo eminente conhecimento de Jesus Christo, meu Senhor».

(Phil. 3: 8).

Anjos dos Ceus, que vos parece a vós do Christo?

«Nascen-vos o Salvador, que é o Christo Senhor».

(S. Lucas 2: 11).

E Tu, Pae Celestial, que sabes todas as cousas, que dizes do Christo?

«Este é meu Filho amado, no qual tenho posto toda a minha complacência».

(S. Math. 3: 17).

Prezado leitor, que te parece a ti do Christo?

Traduzido de La Luz de Madrid).

Uma Carta Importante.

O seguinte é a traducção d'uma carta recentemente recebida do Rev. Snr. William A. Newbold, Secretario Geral da «American Church Missionary Society» de Nova York. E' esta a Sociedade Missionaria que mantem com tanta dedicação e devoção a nossa pequena igreja brasileira.

«Nova-York, 26 de junho de 1894.

Ao Rev. J. G. Meem, Presidente da Convocação, ao Rev. A. V. Cabral, Secretario da mesma, e aos outros Membros:

Prezados Irmãos,

Vossa affectuosa palavra de saudação, tendo a data de Março 31, 1894, foi recebida n'este momento e tem me causado os maiores sentimentos de gratidão e alegria. Tendes a bondade de dizer que reconheceis o meu «constante interesse e cuidado sollicito da nossa Missão», e fazeis voto que Deus me auxilie no desempenho de meus deveres. Eu, da minha parte, apprecio altamente, vosso reconhecimento dos serviços prestados, os quaes são para mim não somente um dever, mas tambem uma felicidade, e sinto a necessidade constante d'aquelle auxilio divino que invo-

caes em meu favor, sem o qual, «Nada é forte, nada santo».

Os deveres do presente anno tem sido incessantes e cheios de ansiedade, devido á difficuldade em realizar os fundos necessários nos tempos marcados; porém, emquanto temos taes soldados corajosos no campo, cada um fazendo seu dever completo, tenho certeza que os que aqui vos sustentam, não pouparão esforços para dar bom exito á vossa trabalho.

Permitti-me acrescentar que nós todos sentimo-nos orgulhosos por vosso trabalho, e pelos princípios judiciosos e o cuidado cauteloso, manifestos na conducta do mesmo.

Permitta Deus, que «A sabedoria que é proveitosa para dirigir» seja dada em porção dupla a todos os membros da Missão tanto aqui como no Brazil.

Com affectuosa consideração:

Vosso Collaborador no Evangelho de Christo.

William A. Neubold.

O Rev. J. W. Morris recebeu em o mez de agosto, a seguinte carta, em reconhecimento da contribuição enviada pelas congregações da Trindade e Bom Pastor para a Missão de nossa igreja em Japão.

«The Domestic and Foreign Missionary Society of the Protestant Episcopal Church in the United States of America.

Nova York, 14 de junho 1894.

Rev. James W. Morris

Porto Alegre, Rio Grande do Sul
Brazil.

Meu caro irmão,
Sinto-me extremamente satisfeito pela recepção por vós, de uma contribuição da parte do povo e congregação da Capella da Trindade, em favor da Missão em Japão. E' uma prova d'aquella sympathia Christã e unidade fraternal que deve unir todos os que trabalham pela vinda do reino de Christo em toda a parte do mundo. Alegremo-nos a ver o espirito missionario penetra vosso povo.

Tende a bondade a exprimir a vosso povo nossa sincera apreciação d'esta evidencia do amor Christão.

* Com os mais fervorosos votos pelo bem estar de vós e de vossos collaboradores, Sou

Sinceramente vosso,

Wm. S. Langford

Secretario Geral».

Edificamos um templo

no Rio dos Sinos

Está no coração dos irmãos do Rio dos Sinos, o louvavel desejo de edificar um templo, onde não só elles possam se reunir para adorar a Deus em espirito e verdade, como nos ensinam os Evangelhos, mas tambem, onde muitas outras pessoas terão a liberdade de entrar, afim de examinar o que n'aquelle lugar se ensina, evitando por este meio o criticarem insensatamente a religião de Christo, pretextando que essa religião é somente privilegio de certas familias.

Edificando esse templo, e annunciando que n'elle se admite quemquer que seja, não distinguindo classe, nós cumprimos mais um dever para com Deus, e ao mesmo tempo teremos esgotado mais um meio para a salvação de muitas almas.

Mas, como poderemos edificar um templo, se os nossos recursos são tão diminutos? E' verdade, que já temos para esse fim a quantia de 5.500\$, que nos foi offerecida por alguns irmãos dos Estados Unidos, e mais algum dinheiro dado pelos irmãos d'aqui. Porém o que é essa quantia para a que temos de despendor? Os irmãos são poucos e a maior parte pobres.

E' justamente por essas razões que eu julgo que devemos-nos lançar nessa empreza, que nos parece tão difficil. Ellas, longe de nos justificar, antes nos condemnam, mostrando que somos tímidos, cobardes e sem fé. Essas razões são a montanha, que se ergue ante nossos olhos; mas se tivermos fé, disse Jesus, nós a removeremos. Math. 21:21.

Nada neste mundo se consegue sem trabalho.

Quantas congregações, que alem de serem pobres e não terem o auxilio que nós temos, não edificaram seus templos, vencendo difficuldades quasi insuperaveis, luc-

tando muitas vezes com os inimigos do Evangelho? O templo da Villa do Cruzeiro, em S. Paulo, foi edificado, não obstante os obstaculos que surgiam a cada passo. Difficuldades com o dinheiro, difficuldades com os catholicos romanos, que, por todos os meios, procuravam impedir a edificação. Em outro lugar, no mesmo Estado, não me recordei agora do nome, os irmãos edificaram um cemiterio, tendo muitas vezes de reconstruirem de dia, o que os inimigos do Evangelho destruíam de noite!

Folheando a Biblia, encontraremos ali um exemplo bem tocante, que, acima de todos, deve unir-nos de estimulo para sermos mais diligentes, mais consagrados ao serviço de Deus. Quero referir-me aos judeus.

Tendo voltado de Babilonia, onde estiveram captivos por espaço de setenta annos, os judeus, dirigidos por Esdras, reedificaram o templo, não sem muitas difficuldades. Concluida a reedificação do templo, animados depois pela presença de Nehemias, passaram a reedificar as muralhas da cidade. Conta-nos a Biblia que esses judeus tinham em uma mão a espada, com que repelliam o inimigo, e na outra o martello, com que ageitavam os tijolos!

Eu poderia citar factos da historia profana, factos que se deram com homens que mostraram sempre uma vontade de ferro em seus empreendimentos, vencendo barreiras gigantescas; mas para que? se o amor do Evangelho, de Christo, de Deus não nos inflamarem de uma certa disposição, para honral-os aqui na terra, será em vão outros argumentos, que, em vez de nos atirar para o campo de nossos deveres para com Deus, nos levam ao campo da porfia, da vã gloria, o que S. Paulo não nos recommenda, o que Christo condemna, e o que Deus aborrece.

Portanto, irmãos, lancemo-nos nessa batalha! façamos o que estiver da nossa parte, e Deus nos auxiliara.

Lembremo-nos que se temos saude, dinheiro e commodidades, tudo nos foi emprestado por Deus. Somos apenas depositarios d'Elle. Nada trouxemos para este mundo. Tudo aqui ha de ficar.

Boaventura d'Oliveira.

Rio dos Sinos.

Pesqueiro

Este lugar, onde residem não poucos membros de nossa Igreja, foi visitado por nosso diacono Rev. Boaventura Oliveira. De uma carta que S. S.^a dirigiu a um dos redactores d'esta folha pedimos venia para extrahir o seguinte:

«A minha viagem foi, me parece, de grande proveito e espero algum resultado. Prêguei de noite em casa de nosso irmão Antonio Machado; foi um culto familiar. No outro dia, 30 de Agosto, prêguei em uma casa do Snr. Simpliciano que provavelmente convidou algumas pessoas, alem d'outras que foram convidadas pelo nosso irmão. Tivemos uma assistencia de 52 pessoas, que ouviram com bastante attenção. Segundo me disseram, podia ter vindo muito mais gente, mas eis a razão — o tempo foi muito pouco, ficando por este motivo muitas pessoas por convidar-se. Creio que ali, n'aquelle lugar, pôde-se fazer algum trabalho, estando-se disposto a ficar uns 5 dias pelo menos».

Satisfeitos pelos resultados da viagem de nosso irmão, pedimos á Igreja orações para que a semente semeada germine e dê muito fructo.

Notas da Capella do Redemptor.

No dia 5 de Agosto, sendo o domingo da Communhão, foram admittidas pela primeira vez á sagrada Communhão, a Ex.^{ma} senhora D. Francelina Oliveira de Assumpção, e a digna joven D. Alayde da Silveira Rosa. Ellas tomaram sobre si os sollemnes votos de sempre «pelejar contra o mundo, a carne e o diabo».

As respectivas mães d'estes novos soldados de Christo já são communicantes de nossa Igreja.

Pedem-se orações a todos os irmãos que Deus lhes conceda sua divina graça para que sejam «fieis até a morte».

Na noite da sexta-feira, 10 de Agosto, houve a reunião missionaria com serviço divino. O assumpto pregado foi «O Trabalho Missionario no Mexico». A Collecta, destinada para o mesmo, importou em 11\$020 rs.

Os irmãos na fé, Sr. Florindo d'Oliveira e sua digna esposa D. Virginia queiram aceitar nossas felicitações pelo nascimento n'este mez de uma filha.

Casamento

Ao 18 de Agosto às 11:30 da noite foram casados religiosamente pelo Rev. Antonio M. de Fraga, em Pelotas, o Sr. Manoel Antonio de Pereira e a Sra. D. Maria Magdalena Quinteiro; elle com 64 annos, e ella 60, mais ou menos.

O acto realizou-se em casa do Sr. Manoel, e foi da maior solemnidade, por estar este de cama gravemente enfermo.

Testemunharam o acto os Senhores Antenor L. Figueró e Joaquim A. Fróes, e as Senhoras D. Rosa Laude Figueró e D. Conceição da Cunha Paz.

Baptizados

Ao 29 de Junho foi baptizada no serviço divino da noite, a criança Augusto Pereira, filho de D. Marcelina Pereira.

Os padrinhos eram os Srs. Raphael A. dos Santos e Francisco Paulo Pinheiro e a Sra. D. Maria Luiza Pinheiro.

No domingo, 8 de Julho, no serviço divino da manhã, foi baptizada a criança Olga Helena Elizabeth, filha do Sr. Ricardo Peckmann e da sua digna esposa D. Fanny Elisabeth Peckmann. Os padrinhos eram o Sr. Guilherme Wiener e sua esposa Helena Wiener; Sr. Frederico Bojunga e a Sra. D. Olga Bretschneider, sendo esta representada pela Sra. D. Emma Müller.

Encomendações.

Foram encomendados no dia 26 de Junho os restos mortaes de Julio Edon, com 21 annos. Deixou viúva e um filho.

No dia 14 de Julho a criança Miguel Ferreira Martins Filho, com 10 dias de idade.

No dia 15 de Julho, Maria das Dores Vasconcelles, com 2 annos.

No dia 20 de Julho, os restos mortaes de Celia, querida filha do Rev. Antonio Fraga e da sua esposa, D. Rita Fraga, foram encomendados na capella do Redemptor pelo pastor, ajudado pelo Rev. Kinsolving do Rio Grande. Este proferiu algumas palavras no acto do serviço que impressionaram a todos. Hymnos appropriados foram cantados na capella com acompanhamento do órgão. Acabado o serviço na capella, os ministros e maior parte da congregação acompanharam o corpo até o cemeterio onde foi concluido o tocante serviço, cantando-se um hymno durante o encher da sepultura.

«Porque eu vos declaro, que os seus anjos nos céus incessantemente estão vendo a face do meu Pai que está nos céus.» (S. Mat. XVIII, 10).

Pelotas, Agosto.

J. G. M.

A Capella da Trindade.

No domingo, o dia 2 de Setembro, foi baptizado pelo Rev. W. C. Brown, Mary Minor, filha innocente do Rev. James W. Morris. Os padrinhos são Mrs. Wm. Tweedie, Mrs. Charles Morris e Prof. John Morris. Os dois ultimos, sendo ausentes, foram representados por D. Maria Packard e o Rev. Morris. O baptizado realizou-se as 3 1/2 horas da tarde, sendo presentes 70 alumnos da Escola Dominical. Deus permitta que a dedicação d'esta tenra alma ao Senhor pelos votos do baptismo, impressione vivamente muitos dos pequeninos que assistiram.

O Snr. Thomaz Bradbury e familia sahiram pelo vapor «Santelmo», com destino á Inglaterra. O irmão pede as orações de todos os amigos para que seja feliz na viagem, e tenha abençoada á volta a sua patria. O côro da Capella da Trindade sentirá muito a

sua falta; mas devido ao impulso dado a elle por Snr. Bradbury, continuará a exercitar vigorosamente as suas funções.

O Rev. Snr. Morris recebeu a seguinte participação — «Manoel de Camargo e Leopoldina Marcondes de Camargo participam seu casamento. Passa Quatro, 30 de Maio 1894. Endereço: Taubaté, E. de S. Paulo». Congratulamo-nos com os noivos.

Rio Grande

No domingo, dia 4 do Agosto, sendo a véspera da Transfiguração, foram recebidos como communicantes na capella do Salvador os seguintes candidatos para receber o rito apostolico da confirmação na proxima visita d'um bispo:

Sr. João Vicente Romeu

„ José d'Almeida Coelho

„ José Antonio Ferreira

D. Eleutheria Dias

D. Rachel de Forte Lage.

Na sexta-feira, dia 10 de Agosto, havia na capella do Salvador um serviço missionario. Devido ao mau tempo havia concurrencia menos que regular, mas a collecta que realizou-se a favor do campo missionario da Africa, da qual paiz tratou o pastor, alcançou até Rs. 25\$650. Um resultado animador!

No sabbado, 4 de Agosto, as 3 h. da tarde, na capella do Salvador foram unidos no sagrado matrimonio pelo Rev. Kinsolving:

Sr. John Annandale com a Exma. Sra. D. Maggie J. Carmichael.

Na sexta-feira, 10 de Agosto, ás 11 h. da manhã, na mesma capella, solemnizou o Rev. Kinsolving ao casamento do Snr. Charles Mc. Intyre com a Exma. Sra. Anne L. Sutcliffe.

De Ouro Preto

Com muito prazer recebemos um officio da «Sociedade Litteraria Sul Rio Grandense em Ouro Preto, capital do Estado de Minas Geraes. Não podemos deixar de sympathisar com esse gremio de rio-grandenses a alguns dos quaes temos a honra de conhecer pessoalmente e apreciar. Aparentando cordialmente a mão de tão distinctos patricios, promettemos remetter-lhe pontualmente nossa folha e pedimos venia para transcrever a integra do officio que nos foi remettido.

Eil-a:

«Cidadão Redactor do «Estandarte Christão».

Tenho a subida honra de participar-vos que aos 12 dias do mez de Agosto do corrente anno foi reorganizada n'esta capital a «Sociedade Litteraria Sul Rio Grandense», que, por circumstancias imprevistas, suspendera seus trabalhos por alguns mezes. Foi eleita nova directoria, que ficou assim composta:

Presidente

José João Pires d'Oliveira.

1.^o Secretario

Augusto R. Rodrigues.

2.^o Secretario

Carlos Torres Gonçalves.

Orador

José Penna de Moraes.

Thesoureiro

Guilherme Lemos de Castro.

Contando com o vosso valioso auxilio para o engrandecimento da Bibliotheca do referido gremio, venho solicitar-vos a remessa do vosso bem redigido Jornal.

Saúde e fraternidade

Ouro Preto, 20 de Agosto de 1894.

O 1.^o Secretario

A. Rodrigues.

Typographia de Gundlach & Schult.